

## **INOVAÇÃO E ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS: uma análise bibliométrica da produção da área de administração brasileira** *INNOVATION AND CLUSTERS: Brazilian academic articles on a bibliometric view*

*Cristiana Fernandes De Muylder\**

---

### **RESUMO**

O cenário de competição acirrada e novas estratégias de atuação de empresas em diversas formas de redes motivaram este estudo. O objetivo foi analisar a relação dos dois termos: inovação e arranjo produtivo local na academia brasileira, ressaltando, por meio de um estudo bibliométrico, quais as áreas e temas que envolveram estes dois termos nos últimos cinco anos de publicação científica ou estudos em construção que foram publicados no Encontro Nacional de Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Administração – EnANPAD. Especificamente, pretendeu-se: (i) identificar a quantidade de artigos com os termos inovação, APL, arranjo produtivo local, aglomerado e cluster; (ii) identificar a quantidade de artigos que relacionavam os termos inovação e APL; (iii) identificar as áreas que referenciaram esta relação e; (iv) descrever o título dos artigos que tinham os termos relacionados. Em geral, pode-se ainda considerar que, ao analisar a média de frequência de artigos com os termos APL, Arranjo produtivo local, Aglomerado e Cluster (totalizando no período 485 artigos), vê-se que representaram aproximadamente, 10,6% das publicações, mesmo considerando que os termos foram pesquisados sem preocupação com o local de sua ocorrência. Quando o foco ultrapassou o termo previsto de APL e foi substituído por cluster, pode-se perceber que houve um acréscimo de 12 artigos para 19, mas o que ainda corresponde a somente a 0,41% do total. Pode-se verificar que os comitês que mais representaram os termos pesquisa foram, em maior para menor frequência, considerando as repetições: ESO com 11 ocorrências, GOL e ADI com 4 ocorrências cada, MKT e FIN com 2 ocorrências cada e APB, EOR, CON e GCT com apenas uma ocorrência. As principais conclusões obtidas com a pesquisa instigam novos estudos acerca do tema inovação e arranjos produtivos locais, com o foco em desenvolvimento empresarial e econômico, uma vez que esses assuntos estão relacionados a estratégias e ainda foram pouco explorados. Isto estimula novas reflexões acerca de estratégias de grupos ou aglomerados em ambiente competitivo e inovador, sendo, portanto, proposto um desafio a ampliação da base de pesquisa em âmbito internacional ou por setores de competição global acirrada.

**Palavras-chave:** Inovação. Arranjo produtivo local. Clusters. Aglomerados. Desempenho e Estratégia.

---

\* Professora do Stricto Sensu da Universidade FUMEC/FACE - PPGA e Mestrado Profissional em Sistemas de Informações de Conhecimento. Av Afonso Pena 3880 - 1o. andar Beelo Horizonte - MG. e-mail: cristiana.muylder@fumec.br. Telefones de contato: 31 32695232 ou 31 913304116.

## ABSTRACT

*The competitive scenario and the companies survive need showed that clusters strategies should be a way to be studied. The main goal of this article was to analyze how the terms innovation and cluster are putting together into a scientifically approach in Brazilian academic research. The research was based on the five last years of the most important academic event of Management in Brazil. It was tried to find out: (i) the terms isolated frequency, (ii) the number of articles that related the both terms innovation and cluster, (iii) the academic related study areas that related them, and also, (iv) describe the paper title that occurred the relation between innovation and cluster terms. The results showed that the terms related with cluster and synonymous words represented 485 articles that were almost 10.6% of the total population. When the term innovation was investigate together the cluster similar terms the results showed that was only 19 papers corresponding a 0.41% of the total. It was also observed that the most important academic area of the both terms together was strategy studies (ESO) with 11 of the 19 papers and the other areas was with a few examples as Logistic and operations and Information Manager with 4 each, Marketing and Financial with 2 papers and the Public Area, Organizational, Accounting and Technological management areas with just 1 each. The result in fact incites new researches to understanding why there are so few discussions about the relation between the terms innovation and cluster that could be considered a strategic into competitiveness context of the global industries and services enterprises.*

**Keywords:** Innovation. Clusters. Performance. Strategy.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Barbieri (2011); Machado (2004); Vicenti (2006); Barzotto, Machado, Loesch e Fachin (2009), a palavra inovação vem do latim *innovatio*, que significa renovado ou tornado novo. Logo, relaciona-se a um produto ou serviço que atenda às expectativas, necessidades do consumidor, como argumenta Damanpour (1996). Afuah (2003) destaca que inovar requer inventar pela natureza de sua função, mas isto pode ocorrer ao contrário também, invertido. Segundo Van de Ven (1999), nem toda invenção se converte em inovação, pois, enquanto a primeira limita-se à criação, a segunda envolve a criação, o desenvolvimento e a implementação de novas ideias.

Inovação pode ser entendida de diversas maneiras e olhares. Do ponto de vista organizacional, pode-se definir inovação por desenvolvimento ou geração de novas ideias (AMABILE, 1996; DAMANPOUR; SCHNEIDER, 2006; DAMANPOUR ;WISCHNEVSKY, 2006; WALKER, 2008; ZALTMAN, DUNCAN; HOLBEK, 1973). Outro ponto de vista foca a inovação como produto, serviço, prática ou processo, como um resultado da organização como proposto por Daft (1978); e Damanpour e Wischnevsky 2006) ou, ainda, como gestão da inovação segundo Igartua, Garrigós e Hervas-Oliver (2010).

De acordo com Damanpour e Schneider (2006), os gestores das organizações, públicas ou privadas, percebem inovação como uma fonte de mudança, crescimento e efetividade. Ainda segundo os autores, algumas pesquisas buscam compreender as causas e consequências da adoção de inovação nas organizações, dentre eles Boyne et al. (2003); Osborne e Gaebler (1992); Tidd, Besant e Pavitt, (1997) enquanto outras pesquisas focam o cenário empresarial favorável ou desfavorável à inovação como foram citados Damanpour e Schneider (2006); Kearney, Feldman e Scavo (2000); Kimberly e Evanisko (1981); Moon e deLeon (2001); Rivera, Streib e Willoughby (2000); e Walker (2004, 2008).

Os Arranjos Produtivos Locais (APLs) podem ser entendidos como agrupamentos de agentes econômicos, sociais e políticos geograficamente concentrados em determinada área que desenvolvem atividades econômicas correlatas em um setor particular vinculados por elementos comuns e complementares de produção, interação, cooperação, aprendizagem e inovação (PORTER, 1999; PUGA, 2003; LASTRES, 2004; HADDAD, 2007; MYTELKA; FARINELLI, 2005).

Este artigo tem o objetivo de analisar a relação dos dois termos: inovação e arranjo produtivo local na academia brasileira, ressaltando por meio de um estudo bibliométrico quais as áreas e temas que envolveram estes dois termos nos últimos cinco anos de publicação científica ou estudos em construção, que foram publicados no Encontro Nacional de Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Administração – EnANPAD. Como abordado por De Muylder et al. (2008), o foco atende as premissas da lei de Zipf da bibliometria. Pode-se ainda justificar o estudo bibliométrico pela ótica de Macias-Chapula, 1998, que ressalta a importância de disseminar informação registrada por meio de técnicas investigativas quantitativas da produção acadêmica, instigando sua disseminação e discussão.

Como objetivos específicos do artigo, pretendeu-se: (i) identificar a quantidade de artigos com os termos inovação, APL, arranjo produtivo local, aglomerado e cluster; (ii) identificar a quantidade de artigos que relacionavam os termos inovação e APL; (iii) identificar as áreas que referenciaram esta relação, e; (iv) descrever o título dos artigos que tinham os termos relacionados.

A próxima seção do artigo trata do referencial teórico, seguido pela metodologia adotada, os resultados alcançados frente aos objetivos traçados, as considerações finais, sugestões de novos estudos seguidos das referências.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 INOVAÇÃO**

O economista Schumpeter (1955) ressaltou, nas análises sobre inovação, as incertezas empresariais e econômicas e definiu inovação como atividade de transformação, usando ainda o termo “destruição criadora”, quando descreve a necessidade de se destruir o velho para construir o novo e atingir um novo nicho de mercado, e, assim, manter o desenvolvimento econômico.

Diversos autores como Ansoff (1993); Porter (1989); Prahalad&Hamel (1990); Ohmae (1988); Grant (1998); Engel et al. (1993); Schewe e Hiam (1998) corroboram que a inovação e a competitividade asseguram a sobrevivência e permanência rentável das empresas no mercado.

Inovação, de uma forma geral, é qualquer mudança na prática industrial que melhore a produtividade, competitividade ou atendimento de demanda de mercado (METCALFE, 2003). Assim, a inovação corresponde a novas maneiras de organizar recursos, gerando novos produtos, processos e serviços de forma a realizar lucros na produção (JACOBSON, 1992; SCHUMPETER, 1955).

Pavitt (2005) e ainda efeitos como Burlamarqui e Proença (2003) afirmam que o processo inovativo difere de acordo com o setor, tipo de inovação, período histórico e país estudado.

Por estar, então, o termo inovação relacionado à descoberta de pesquisas e avanços produtivos, também está ligado ao processo de absorção do conhecimento e este pode estar conexo a uma nação, setor, empresa ou produto. Neste sentido, Hasenclever (2002, p.7) destaca que existem dois elementos importantes no processo de absorção de conhecimentos: um relacionado ao conhecimento tácito da empresa, e o outro ligado ao conhecimento técnico-científico específico de cada firma.

De acordo com Cassiolato e Lastres (2000), a visão sistêmica do aparelho nacional de inovação favorece a integração das empresas com relações sociais e econômicas com o meio ambiente. Logo, a política de inovação deve considerar as complexidades do processo e suas interfaces. Esta é a base necessária para assegurar a competitividade, usando das capacitações e conhecimentos adquiridos com a utilização da tecnologia.

Berkun (2007) afirma que grandes ideias não surgem para aqueles que estavam em um lugar certo na hora certa e, sim, para aqueles que trabalharam arduamente, correram riscos e fizeram sacrifícios. A maioria das inovações surge, quando duas ou mais pessoas se dedicam a resolver um problema bem definido e fazem as coisas acontecerem. Uma pessoa pode ser reconhecida como o inovador, mas é sempre um time de pessoas dedicadas, que faz qualquer aventura funcionar.

Segundo Carvalho, (2009) dentre outros autores (THUSMAN; ANDERSON, 1986; CHRISTENSEN, 1997; SHENHAR, 2004) descreveram e identificaram diferentes tipologias de inovação. No entanto, é importante destacar que uma inovação não deve ter fronteiras. Segundo ela, esta questão foi enfatizada por Prahalad e Krishnan (2009) e Ramaswamy (2009), que defendem que a “inovação não pode estar centrada nem na empresa, nem no produto, mas, sim, aberta à experimentação externa”.

Para Christensen et al. (2007, p. 49), “A inovação sempre ocorre dentro de um contexto. As forças alheias ao mercado, principalmente o governo e as agências reguladoras, podem ter papel importante na formatação desse contexto”. No entendimento desse autor, a análise simplista da máxima “menos é mais”, ou seja, menos regulamentação implica mais resultados, não é suficiente, pois, nos ambientes de inovação, existem dois fatores que são capazes de transformar produtos e serviços e oferecê-los aos consumidores: a motivação, definida por ele como incentivos, do mercado para inovar, e capacidade, definida por ele, como a possibilidade de obter recursos e transformá-los em produtos e serviços para oferecê-los aos consumidores.

As diversas abordagens teóricas sobre a inovação em serviços têm proporcionado um debate na literatura acerca do processo de inovação em serviços. Estudos realizados por Gallouj (1998); Hauknes (1998); Howells e Tether (2004); Miles e Snow (1978) têm enfatizado a importância da inovação no setor de serviços e a sua contribuição para o crescimento e desenvolvimento econômico, comprovando a pertinência do estudo da inovação em serviços sob a abordagem evolucionária dos sistemas de inovação.

Sobre a inovação em serviços, Gallouj (1998) explica, de forma sintética, que existem três abordagens teóricas principais: abordagem tecnicista, abordagem baseada nos serviços e abordagem integradora. A tecnicista, ou abordagem baseada em tecnologia, é a mais difundida, pois se baseia na concepção de que a inovação em serviços resulta da adoção de inovações tecnológicas desenvolvidas no setor industrial, em especial no setor de produção de bens de capital.

No que tange a essa abordagem, a principal tentativa de sua sistematização é o modelo do “ciclo reverso do produto”, proposto por Barras (1986). Ele considera que a inovação em serviços se dá num ciclo inverso ao esperado nas inovações tecnológicas. Na primeira fase, a introdução de uma nova tecnologia, em vez de causar impacto radical, levaria apenas ao aumento da eficiência da prestação de serviços existentes. No segundo estágio do ciclo, a tecnologia é aplicada para melhorar a qualidade dos serviços e somente na fase final, quando o processo de difusão tecnológica estaria em sua fase mais avançada, a tecnologia é geradora de uma total transformação para novos serviços (inovações radicais) ou recombinações de serviços já existentes.

Gallouj (1998) apresenta que a indústria tem primazia e praticamente restringe sua análise aos impactos da tecnologia da informação, sobretudo das novas tecnologias da informação da comunicação (NTIC), revelando-se no modelo a ser utilizado para o estudo da difusão de inovações tecnológicas no setor de serviços, o qual não contempla a geração de inovações tecnológicas endogenamente e, de forma alguma, a geração de inovações não tecnológicas. Contudo, Barras possui o mérito de ter sido o primeiro a explicitamente buscar a construção de uma teoria da inovação em serviços, e sua abordagem, pode-se, assim, dizer, produziu um “ciclo reverso” também na literatura sobre inovação em serviços.

De acordo com Gallouj (1998), a abordagem baseada em serviços ressalta as especificidades de inovação em serviços e mostra inovações particulares, em especial uma grande frequência de inovações *ad hoc* (ou “adocrática” ou ainda contingencial), resultado de um processo de resolução de problemas do usuário através da coprodução do serviço. As inovações *ad hoc* são construções interativas (social) de uma solução (estratégica, organizacional, social, legal etc) para um problema particular posto pelo cliente. Este tipo de inovação é coproduzida pelo cliente e pelo provedor do serviço. Ele não é reproduzível, isto é, dificilmente passível de replicação (SUNDBO; GALLOUJ, 1998)

A ideia central deste enfoque é que a relação usuário-produtor, mesmo considerando variações em seu grau de intensidade de acordo com o ramo dos serviços oferece oportunidades que superam qualquer inovação tecnológica de processo ou de produto (HAUKNES, 1998).

Para Sundbo e Gallouj (1998), a inovação em serviços deve ser entendida não apenas como uma inovação tecnológica, mas também como a criação de um novo conhecimento ou informação.

Na convergência dos tipos de inovações, os autores Sundbo e Gallouj (1998) identificam duas forças que influenciam o processo de inovação nas organizações: as forças internas e as forças externas. Destacam que o papel das forças internas, representadas pela administração estratégica da firma, pelos seus trabalhadores e pelo departamento de P&D, são determinantes para a inovação em serviços. Ressaltam que estas forças têm o compromisso de ser os provedores dos serviços, mantendo ligações internas e externas que conduzem à inovação. As forças externas, por sua vez, podem ser as idéias e lógicas difundidas denominadas trajetórias gerenciais, institucionais, tecnológicas,



sociais e profissionais que influenciam direta ou ambientalmente determinados serviços, ou em outro nível, o envolvimento das pessoas, usuários, clientes, fornecedores, dos quais o comportamento tem importância para as possibilidades de as firmas de serviços venderem seus serviços e, portanto, para as suas atividades de inovação.

A forma como essas forças se combinam nos processos de mudanças verificados na organização, revela o modelo de gestão da inovação que está em curso, pressupondo que deva resumir todos os conhecimentos e informações, internos e externos, organizados e instrumentados para a atividade de resolução de problemas (ZAWISLAK, 1995).

Pode-se depreender que o padrão de inovação seguido por uma organização dependerá de sua percepção e de suas escolhas diante da ação de vários agentes que com ela interagem no processo de inovação (HAUKNES, 1998). A inovação poderá enfrentar barreiras, relacionadas com a resistência dos agentes internos, ao envolvimento no processo de inovação, bem como a dificuldade da organização em processar as informações provenientes dos agentes externos e de envolvê-los em suas atividades de resolução de problemas (ZAWISLAK, 1995).

Além da classificação tradicional da inovação, que a divide em radical, baseada em um novo conjunto de princípios científicos e de engenharia, como o desenvolvimento e introdução de um novo produto, processo ou forma de organização da produção inteiramente nova, e incremental, na qual se refere ao aprimoramento que se realizam em um produto, processo ou serviço, introduzindo mudanças relativamente menores ao produto existente, aproveitando e reforçando o potencial do design existente, conforme proposto por diversos autores que estudam inovação em serviços (FREEMAN, 1987; HENDERSON; CLARK, 1990; DAMANPOUR, 1991; REIS, 2004; TIDD, BESSANT; PAVITT, 2005).

## 2.2 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL

Para Hoffmann et al. (2004, p. 28), a questão do desenvolvimento territorial passa pelo “amadurecimento das relações entre os elos de uma cadeia produtiva”. Segundo o autor, nesse contexto, a inteligência competitiva torna as organizações mais competitivas, por meio do fortalecimento da cooperação. “Sem dúvida, a troca ou a busca por informações para a tomada de decisões em APL ou *clusters* foram intensificadas na década atual”, devido ao desenvolvimento proporcionado pelo aumento da competitividade desses arranjos (HOFMANN et al., 2004, p. 28).

Para as considerações específicas deste projeto de pesquisa, tendo em vista os objetivos propostos, as denominações “arranjo produtivo local” e “*clusters*” serão consideradas sinônimas.

Arranjos produtivos locais podem ser definidos como o conjunto de organizações e agentes, geralmente integrantes de uma cadeia produtiva, concentrados geograficamente e em setores econômicos afins, apresentando vínculos interorganizacionais e tendo presente em seu território outras instituições, como as de ensino e pesquisa, informação, associações, sindicatos e incubadoras de empresas, dentre outras possibilidades existentes (LASTRES; CASSIOLATO, 2004). Segundo Porter (1999, p. 211), um aglomerado, ou *cluster*, “é um agrupamento geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas numa determinada área, vinculadas por elementos comuns e complementares”.

Schmitt et al. (entre 2004 e 2009,) definem arranjos produtivos locais como: uma concentração de empresas referentes a um determinado segmento de atividade que concentra conjunto de fornecedores de insumos e serviços, integrando os agentes e gerando aumento da eficiência coletiva.

Teixeira e Ferraro (2009, p. 14) explicam que, quando nos referimos a um arranjo produtivo local, “devemos destacar um sistema de relações sociais, de circulação informação e de produção e reprodução de valores que, a partir desses elementos, caracterizam um sistema de produção”. Muitos dos fatores que suportam a existência e dinâmica de um arranjo produtivo local estão historicamente enraizados e inter-relacionados na dinâmica da sociedade local, e por esse motivo não são facilmente transferidos para outras regiões (TEIXEIRA; FERRARO, 2009).

Para Haddad (2007, p. 3), um arranjo produtivo local “compreende um recorte do espaço geográfico (parte de um município, conjunto de municípios, bacias hidrográficas, vales, serras etc) que possua sinais de identidade coletiva (sociais, culturais, econômicos, políticos, ambientais ou históricos)”.

O mesmo autor destaca que o território (espaço geográfico) não deve ser visto apenas sob uma lógica material, mas também como um campo de forças que tem projeção em um determinado espaço. Sob esse prisma, um APL é um “território onde a dimensão constitutiva é econômica por definição, apesar de não se restringir a ela (HADDAD, 2007, p. 3)”.

Um traço característico, portanto, de um arranjo produtivo local, ou *cluster*, é a existência de um número significativo de empresas, atuando em torno de uma atividade produtiva principal (Haddad, 2007).

Pacagnan (2006, p. 24) aponta que, “quando uma indústria trabalha buscando, além da competição, uma cooperação, ela consegue criar barreiras contra novos entrantes ou estabelecer barreiras de mobilidade contra determinados segmentos ou grupos estratégicos”, destacando, assim, vantagens importantes das redes de empresas que contribuem para a criação de um ambiente vantajoso para as empresas de pequeno porte.

A organização das empresas, apoiada no conceito de um arranjo produtivo local, “resulta na obtenção de economias de escala sistêmicas e de externalidades, permitindo a redução do custo médio de produção de cada empresa” (TEIXEIRA; FERRARO, 2009, p. 11.).

As dificuldades das grandes empresas quanto ao grau de rivalização para a aquisição e manutenção de posições competitivas sustentáveis são citadas por Pacagnan (2006, p. 20), que destaca as dificuldades inerentes a esse processo e aponta que elas, em busca de alternativas para a facilitação desse processo, começaram a encontrar alternativas, como a “incorporação e a integração de processos da cadeia produtiva a fim de manterem-se competitivas no mercado”.

Albagli (2004, p. 11) sustenta que “a pluralidade de distintas, mas complementares, relações cooperativas, mais do que a concentração em um tipo dominante de interação, é uma das principais fontes de inovação”.

Para Ruthes (2007, p. 11), “nos APLs, as empresas ganham em escala e competitividade por serem altamente especializadas em determinadas atividades.” Ainda segundo essa autora, nos arranjos produtivos locais “existe uma forte rede de interação e relacionamento entre os atores que trabalham em torno da atividade-chave” (RUTHES, 2007, p. 35).

Destaque-se que a pluralidade e as relações cooperativas estão presentes em redes de empresas, como os arranjos produtivos locais, denotando como característica desse tipo de relação a disponibilidade de um ambiente fecundo aos processos de inovação.

Sengenberger e Pike (2002) corroboram essa visão, afirmando que as empresas de pequeno porte podem ter a mesma importância econômica e social relativa das grandes empresas, por meio de uma ação conjunta e direcionada, conseguindo, dessa forma, alcançar algumas das principais vantagens das empresas de grande porte mediante o acesso às economias de escala e peso político. Logo, percebe-se que o grande problema das empresas de pequeno porte não se encontra no seu tamanho, mas, sim, no fato de estarem, muitas vezes, sozinhas (SENGENBERGER; PIKE, 2002).

Cabe, portanto, avaliar o papel das redes de empresas. Para Castells (1999, p. 566), “rede é o conjunto de nós interconectados”. “Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada”. Castells (1999) argumenta ainda que uma rede contribui e transforma sinais e gera conhecimento.

Segundo Cândido e Abreu (2002), no contexto organizacional da atualidade, as redes representam uma forma intermediária entre a empresa e o mercado, derivando desse fato o surgimento de vários tipos de redes, onde destacam dois pontos do paradigma de redes em ambiente organizacional: a emergência de um novo padrão de competitividade em que predomina a “coopetição” (cooperação com competição), fazendo com que as organizações busquem relações colaborativas que as unam em redes de interligações laterais e horizontais, tanto interna quanto externamente, apesar de continuarem competindo entre si.

Segundo Vale (2007, p. 43), “a competitividade regional advém da convivência entre a concorrência e a cooperação, na exploração das competências locais”. Os recentes desenvolvimentos no campo da tecnologia da informação vêm proporcionando uma revolução de amplo escopo nos arranjos, operações e interligações das organizações, principalmente nos chamados “APL”.

Faggion, G. A. Balestrin, A. e Weyth, C. (2002, p. 57), a partir de uma construção teórica, objetivaram levantar evidências de que as redes promovem “um ambiente de sinergia profícuo para as atividades de inteligência estratégica e geração de novos conhecimentos”, a partir da análise das principais publicações na área. Os resultados desse trabalho corroboram a importância das redes como subsídio ao “processo de inteligência estratégica e geração de novos conhecimentos junto às organizações”.

Para Cassaroto e Pires (1999), uma visão cooperativa dos esforços e ações conjuntas no sentido do monitoramento, coleta, análise e disseminação de informações é viável, a partir do modelo de redes de pequenas empresas.

Na mesma perspectiva, Vasconcelos e Cyrino (2000), afirmam que cabe aos empreendedores a descoberta de novas oportunidades de produção e “produtos mais eficazes em termos de resultados finais para os consumidores.” Os empreendedores precisam utilizar dois tipos de conhecimento para a efetivação desse papel: “métodos científicos e mobilização de conhecimentos explícitos e informações circunstanciais e contextuais, comumente associadas a forma tácitas de conhecimento das especificidades locais”.

As configurações das redes apresentam inter-relações entre seus diversos componentes, promovendo o compartilhamento de informações, por meio da “compreensão da realidade e da identificação das necessidades locais e de seus atributos”, podendo-se aqui identificar o processo de inteligência local (TOMAÉL et al., 2005, p. 1).

Balestrin e Vargas (2004, p. 204) também apontam nesse sentido e utilizam como ideia subjacente ao seu estudo o fato de que a “configuração em rede promove ambiente favorável ao compartilhamento de informações”.

Conforme Albagli e Lastres (Org.) (1999, p. 161), o “conceito de redes de firmas pode se tornar um instrumento útil para a compreensão das especificidades locais da PME e de suas necessidades informacionais e de capacitação”.

Vale (2007, p. 31) destaca “as vantagens oriundas da proximidade geográfica dos agentes, incluindo acesso a conhecimento e capacitações, mão de obra especializada, matéria-prima e equipamentos, entre outros”.

Nessa ótica, Ruthes (2007, p. 35) afirma que “existe uma forte rede de interação e relacionamento entre os atores que trabalham em torno da atividade-chave (especialidade ou vocação local) “do APL, em que essa interação pode se dar formal ou informalmente, podendo ocorrer ainda sob a forma de parcerias baseadas em trocas, como de informações, de tecnologia e de *knowhow*, conforme exemplifica a autora.

Segundo Vale (2007, p. 31), “o fator regional passou a ser considerado uma fonte importante de vantagens competitivas”.

Mytelka e Farnelli (2005) ressaltam a variabilidade evolutiva dos arranjos produtivos locais, chamando a atenção para diferentes níveis de organização. Em especial, as duas autoras apresentam três categorias de aglomerados, a saber: “informal, “organizado” e “inovador”. Sua classificação e tipologia detalham um conjunto de variáveis importantes para a análise das diferenças entre as diferentes categorias que podem fornecer instrumento para comparabilidade dos diferentes APLs.

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

De acordo com Marconi e Lakatos (1990) e Chizzotti (1991), a presente pesquisa foi descritiva pois pode-se observar, analisar e classificar fatos referentes à ocorrência dos termos, sem que o pesquisador interferisse. O presente artigo foi desenvolvido por meio de levantamento de dados, através de análises dos artigos publicados no Encontro Nacional de Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Administração dos últimos cinco (05) anos (de 2007 e 2011), com utilização de teste bibliométrico, usando software TextFilterer v 3.4. Segundo Pizzani, Silva e Hayashi, 2008, a relevância dos estudos de avaliação da construção do pensamento científico contribui para a compilação de bibliografia existente e temas com relação a pesquisas que geram aumento do intercâmbio de profissionais e divulgação do conhecimento.

## 4 RESULTADOS

Os resultados, foram elaborados de acordo com os objetivos específicos propostos no método bibliométrico, foram: (i) identificar a quantidade de artigos com os termos inovação, APL, arranjo produtivo local, aglomerado e cluster; (ii) identificar a quantidade de artigos que relacionavam os termos inovação e APL; (iii) identificar as áreas que referenciaram esta relação, e; (iv) descrever o título dos artigos que tinham os termos relacionados.

### 4.1 FREQUÊNCIA DOS TERMOS PESQUISADOS

Tem-se, de acordo com Tabela 1, a frequência de ocorrência dos termos por anos de publicação. Pode-se observar que o número de artigos, ao longo dos anos pesquisados, exceto o de 2008, sofreu redução do número de aprovações. Se considerada a comparação de 2011 a 2007, houve uma queda de 11,3%.

Em média, pode-se ainda considerar que, ao analisar a média de frequência de artigos com os termos APL, Arranjo produtivo local, Aglomerado e Cluster (totalizando no período 485 artigos) representaram aproximadamente 10,6% das publicações, mesmo considerando que os termos foram pesquisados sem preocupação com o local de sua ocorrência.

**Tabela 1:** Frequência dos termos pesquisados.

Termo	2007	2008	2009	2010	2011	Total
Inovação	394	402	342	330	354	1822
APL	17	18	15	19	21	90
Arranjo produtivo local	9	14	12	11	12	58
Aglomerado	14	19	16	10	12	71
Cluster	48	70	59	48	41	266
TOTAL	973	1001	905	841	863	4583

Fonte: Dados da Pesquisa

A seguir, pretendeu-se analisar de forma quantitativa a ocorrência dos termos inovação e APL no mesmo artigo. Também de forma complementar buscou-se analisar a ocorrência dos termos inovação e cluster, uma vez que o termo foi mais encontrado na primeira fase da pesquisa.

### 4.2 RELAÇÃO ENTRE OS TERMOS INOVAÇÃO E APL

Quanto à ocorrência mútua dos termos inovação e APL, pode-se perceber que foram poucos os artigos que atenderam a esta premissa de pesquisa (Tabela 2), representando apenas 0,26% do total de manuscritos na área. Quando o foco ultrapassou o termo previsto de APL e os substituído por cluster, pode-se perceber que houve um acréscimo de 12 artigos para 19 mas o que ainda corresponde somente a 0,41% do total.

**Tabela 2:** Frequência dos termos cruzados pesquisados

Termos	2007	2008	2009	2010	2011	Total
Inovação e APL	2	1	3	2	4	12
Inovação e cluster	4	4	4	4	3	19
TOTAL	973	1001	905	841	863	4583

Fonte: Dados da Pesquisa

Para atender ao terceiro objetivo proposto, pode-se verificar quais as subáreas de conhecimento que abordaram os termos relacionados.

### 4.3 COMITÊS OU ÁREAS DE CONHECIMENTO DO EVENTO PESQUISA FRENTE À RELAÇÃO DOS TERMOS PESQUISADOS.

A EnANPAD possui 11 comitês científicos, que dividem as áreas do conhecimento para onde os pesquisadores direcionam os seus trabalhos a fim de poder ser avaliados por sistema *blindreview* e após serem publicados (ANPAD, 2012).



Para a descrição das áreas envolvidas nestes artigos classificados de acordo com o objetivo, serão avaliadas as frequências dos artigos por ano e por comitê (Tabela 3).

Depois de verificar o que foi identificado pelas ocorrências entre as duas fases de pesquisa, observam-se algumas ocorrências repetidas. Pode-se verificar que os comitês que mais representaram os termos pesquisa foram, em maior para menor frequência, considerando as repetições: ESO com 11 ocorrências; GOL e ADI, com 4 ocorrências cada; MKT e FIN, com 2 ocorrências cada; e APB, EOR, CON e GCT, com apenas uma ocorrência.

#### 4.4 OS TÍTULOS DOS ARTIGOS QUE ATENDERAM A PESQUISA

Quando eliminados os artigos repetidos, usando o termo APL ou Cluster em conjunto com o termo inovação, têm-se 25 selecionados que possuem ênfases muito distintas de objetivos e metodologia, o que instiga ainda maiores reflexões, apesar da pouca participação dos termos nos anos avaliados do evento (Tabela 4).

**Tabela 3:** Artigos relacionados com inovação e APL ou inovação e cluster por comitê por ano de publicação.

Ano	Comitê	Inovação e APL	Inovação e Cluster
2007	ADI	1 artigo – ADID1419	1 artigo – ADID 1419
	APB		
	CON		
	EOR		
	EPO		
	ESO	1 artigo – ESOC1287	
	FIN		1 artigo – FINC – 137
	GCT		
	GOL		
	GPR		1 artigo - GPRA 3103
	MKT		1 artigo – MKTC 634
2008	ADI		
	APB		
	CON		1 artigo – CONB 2125
	EOR		
	EPO		
	ESO		1 artigo – ESOA 1193
	FIN		
	GCT		
	GOL	1 artigo – GOLB 1287	2 artigos GOLB 1972 e GOLA 719
	GPR		
	MKT		
2009	ADI		
	APB	1 artigo – APS 2783	
	CON		
	EOR		
	EPO		
	ESO	1 artigo – ESO 701	1 artigo – ESO 701
	FIN		
	GCT		
	GOL	1 artigo – GOL 2532	2 artigos – GOL 2532 e GOL 1359
	GPR		
	MKT		1 artigo MKTT 675
2010	ADI		
	APB		
	CON		
	EOR	1 artigo – EOR 1791	
	EPO		
	ESO	1 artigo – ESO 201	2 artigos – ESO 1475 e ESO 1995
	FIN		1 artigo – 564
	GCT		1 artigo – GCT 570
	GOL		
	GPR		
	MKT		
2011	ADI	1 artigo – ADI 225	1 artigo – ADI 225
	APB		
	CON		
	EOR		
	EPO		
	ESO	2 artigos - ESO 779 e ESO1120	2 artigos – ESO 1187 e ESO 779
	FIN		
	GCT		
	GOL	1 artigo – GOL 1271	
	GPR		
	MKT		

Fonte: Dados da Pesquisa

**Tabela 4:** Título e resumos dos artigos.

Título
A Diversidade das Fontes de Obtenção de Vantagem Competitiva: Uma Análise na Indústria de Calçados
A Liderança em uma Concessionária de Motocicletas
A Originação de Valor: Um Estudo Indiciário em Empresas Complexas e de Repercussão no Brasil.
A Relação Entre a Concentração Regional das Indústrias e o Desempenho das Firms: Uma Abordagem Multinível
Administração Pública Contemporânea: A Busca por um Caminho Efetivo de Participação
Aglomeração Industrial e Desempenho das Empresas Paulistas: Uma Análise Multinível
Aglomeração Industrial e seu Efeito na Taxa de Crescimento das Empresas Brasileiras
Análise de Redes Sociais como Ferramenta que Contribui para Melhoria das Relações entre Empresas Participantes de um APL do Setor de Eventos
Aplicação dos Conjuntos <i>Fuzzy</i> para Identificação de Características Comportamentais dos Empreendedores do APL de Confeccões de Roupas Íntimas de Nova Friburgo -RJ
Atributos Estratégicos do Cluster de Desenvolvimento de Games de Pernambuco: Uma Proposta de Integração entre o Diamante de Porter e a Visão Baseada em Recursos (VBR).
Colaboração Estratégica em Rede de Empresas sob a Perspectiva de Gênero: estudo no APL de Metais Sanitários de Loanda-Pr
Construção de um Modelo Explicativo sobre as Influências do Capital Social e do Empreendedor Coletivo nos níveis de Competitividade dos APLs
Dimensões de Qualidade da Informação como Elemento Classificatório para Localidades com Concentração de Atividades da Cadeia Produtiva
Gestão de Cadeias Globais de Suprimentos Não Tradicionais no Setor Calçadista do Vale do Rio dos Sinos
Grupos Estratégicos Bancários: Uma Abordagem Transversal Multinível
Incorporação Tecnológica pelas Organizações: um Estudo do seu Impacto no Trabalho e no Lucro
Modelo <i>Fuzzy</i> para Avaliação de Influência de Fatores Endógenos e Exógenos no Desenvolvimento de um APL – Aplicação no Caso de Cabo Frio-RJ
Norma Internacional de Gestão da Responsabilidade Social e Comércio
O Impacto das Relações Bancárias e do Governo da Empresa no Desempenho: O caso das PME's Portuguesas
O Processo de Internacionalização de Empresas Brasileiras: Proposição de um Framework
O Supérfluo tão Necessário: Atitudes e Comportamentos de Compra de Consumidores Brasileiros de Produtos de Luxo e Sofisticados
Processos Interativos e Estruturas de Governança do Arranjo Produtivo Local detransformados Plásticos da Região Norte do Estado de Santa Catarina – Brasil
Proposição de um Modelo Explicativo das Relações de Cooperação Construídas entre as Organizações do Arranjo Produtivo Local de Santa Rita do Sapucaí (MG)
Reputação Corporativa de Organizações Hospitalares: Influências da Identidade, da Imagem e da Comunicação Corporativas
<i>The Impact of Market Orientation on Performance: a Neural Network Model for the Portuguese Managerial Context</i>

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou descrever a produção científica brasileira da área de administração publicada nos anais do principal evento nacional denominado EnANPAD, no período de 2007 a 2011, o que corresponde aos últimos 5 anos de artigos.

As principais conclusões obtidas com a pesquisa instigam novos estudos acerca do tema inovação e arranjos produtivos locais, com o foco em desenvolvimento empresarial e econômico, uma vez que esses assuntos estão relacionados a estratégias e ainda foram pouco explorados.

Em síntese, a extração de documentos por meio de palavras chaves em acervos que representam o *locus* do saber permite traçar tendências e sugere a exploração de termos substitutivos aos pesquisados.

Isso estimula novas reflexões acerca de estratégias de grupos ou aglomerados em ambiente competitivo e inovador, sendo, portanto, proposto um desafio a ampliação da base de pesquisa em âmbito internacional ou por setores de competição global acirrada.

## REFERÊNCIAS

---

- AFUAH, A. *Innovation mangement: strategies, implementation and profits*. New York: Oxford University Press, 2003.
- ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. 2004. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. Brasília: *Ci. Inf.*, v.3, p. 9-16, set./dez., 2004.
- AMABILE, T. *Creativity in contexto*. New York.:Westview, 2009.
- BALESTRIN, Alsones; VARGAS, Lilia Maria. A dimensão estratégica das redes organizacionais de PMEs: teorizações e evidências. *RAC, Revista de Administração Contemporânea*, p. 203-227, 2004.
- BARBIERI, Carlos. BI2 . *Business Intelligence: modelagem e qualidade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. 392 p.
- BARRAS, R. Towards a theory of innovation in services. *Research Policy*. v.15, p.161-173, 1986.
- BERKUN, S. *The myths of innovation*. Sebastopol: O´Reilly, 2007.
- BOYNE, G. A.; FARRELL, C.; LAW, J.; POWELL, M.; WALKER, R. M. *Evaluating public management reforms: Principles and practice*. Buckingham: Open Univ. Press, 2003.
- BURLAMAQUI, L, Proença, A. *Inovação, recursos e comprometimento: em direção a uma política estratégica da firma*. Rio de Janeiro: RBI, 2003. p.79-110.
- CAMARGO, R. V. W.; PEPINELLI, R. C. C.; DUTRA, M. H.; ALBERTON, L. *Produção científica em auditoria: uma análise dos estudos acadêmicos desenvolvidos*. [s.l:s.n.], 2009.
- CÂNDIDO, G. A; ABREU, A, F. Aglomerados industriais de pequenas e médias empresas como mecanismo para promoção de desenvolvimento regional. *Read*, Porto Alegre, v. 6, n. 6, dez, 2000.
- CARVALHO, Marly Monteiro de. *Inovação: estratégias e comunidades de conhecimento*. São Paulo: Atlas, 2009.
- CASAROTTO FILHO, Nelson e PIRES, Luis Henrique. *Redes de pequenas e médias*. Rio de Janeiro: UFRJ-I, 1999.
- CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. *Arranjos e sistemas produtivos locais e as novas políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico*. Rio de Janeiro: UFRJ-IE, 2000.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- CHRISTENSEN, C.; ANTHONY, S. D.; ROTH, E. A. *O futuro da inovação: usando as teorias da inovação para prever mudanças no mercado*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2007.
- DAFT, R. L. A dual-core model of organizational innovation. *Academy of Management. Journal*, Nr. 21, p.193-210, 1978.
- DAMANPOUR, F. Organizational Complexity and Innovation: developing and testing multiple contingency models. *Management Science*, v. 42, n. 5, p. 693-716, May, 1996.
- DAMANPOUR, F.; SCHNEIDER M. Characteristics of Innovation and Innovation Adoption in Public Organizations: Assessing the Role of Managers. *J Public Adm Res Theory* 19(3): p.495-522, 2009.
- DAMANPOUR, F.; SCHNEIDER, M. Phases of the adoption of innovation in organizations: Effects of environment, organization, and top managers. *British Journal of Management*, Nr. 17. p.215-236, 2006.
- DAMANPOUR, F.; WISCHNEVSKY, J.; WISCHNEVSKY, D. Research on organizational innovation: distinguishing innovation-generating from innovation-adopting organizations. *Journal of Engineering and Technology Management*, Nr. 26.269-291, 2006.

- DE MUYLDER et al. Tema Inovação: uma Análise Bibliométrica no Evento EnANPAD 2007. Pedro Leopoldo: *Gestão & Tecnologia*, v. 8, n. 1, 2008.
- EnANPAD. Encontro Nacional de Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Administração. 2011. Diversos *Anais*. Disponível em: [www.anpad.org.br](http://www.anpad.org.br).
- FAGGION, G. A. BALESTRIN, A. E WEYTH, C. Geração de conhecimento e inteligência estratégica no universe das redes interorganizacionais. *Revista Inteligência Empresarial*, n. 12. p 57-65, jul.2002.
- FREEMAN, Christopher. *Technology Policy and Economic Performance*. Londres: Pinter Publishers London and New York, 1987.
- GALLOUJ, F. Innovating in reverse: services and the reverse product cycle. *European Journal of Innovation Management*, v. 1, n. 3, p.123-138, 1998.
- GALLOUJ, F.; WEINSTEIN. Innovation in services. *Research Policy*, v.26, p. 537-556, 1997.
- GOPALAKRISHNAN,S.; DAMANPOUR, F. A review of innovation research in economics, sociology and technology management. *Omega*, v. 25, n.1, p.15-28, 1987.
- HADDAD, Paulo Roberto. *Setores Produtivos Potenciais*. SEBRAE/MG: Belo Horizonte. 2007.47p.
- HASENCLEVER, Lia (Coord.). *Diagnóstico da Indústria Farmacêutica Brasileira*. Rio de Janeiro/Brasília: UNESCO/FUJB/Instituto de Economia/UFRJ, 2002.
- HAUKNES, J. *Services in Innovation, Innovation in Services: SI4S final report*. Oslo: STEP Group, 1998.
- HENDERSON, R. M; CLARK, K. B. *Architectural innovation: the reconfiguration*. [s.l.:s.n.], 1999.
- HOFFMAN, DOUGLAS; K. BATESON, JOHN E.G. *Princípios de marketing de serviços*. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2003.
- HOWELLS, J.R.L.; B.S Tether. *Innovation in Services: Issues at Stake and Trends – A Report for the European Commission*. INNO-Studies 2001: Lot 3, 2004.
- IGARTUA, J. I.; GARRIGÓS, J. A.; HERVAS-OLIVER, J. L. How Innovation Management Techniques Support an Open Innovation Strategy. *Research-Technology Management*, v. 53, n. 3, May-June, 2010.
- LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (Org.). *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 318 p.
- LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José Eduardo. Políticas para promoção de arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas: vantagens e restrições do conceito e equívocos usuais. *Relatório de Atividades de Divulgação do Referencial Conceitual, Analítico e Propositivo*. IE/UFRJ, set.2004. p. 1-9.
- LASTRES, Helena M. M.; Cassiolato, José Eduardo. Políticas para promoção de arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas: vantagens e restrições do conceito e equívocos usuais. *Relatório de Atividades de Divulgação do Referencial Conceitual, Analítico e Propositivo*. IE/UFRJ, setembro de 2004. p. 1- 9.
- MACHADO, Denise Del Pra Netto. *Inovação e cultura organizacional: um estudo dos elementos culturais que fazem parte de um ambiente inovador*. 2004. 185p. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 2004.



- MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cienciometria esua perspectiva nacional e internacional. *Ciência da Informação*, 27(2), p.134-140,1998.
- PESSANHA, C.; MALDONADO, M. U.; SANTOS, J. L. S.; SANTOS, R. M. Inovação e Conhecimento Organizacional: um mapeamento bibliométrico das publicações científicas até 2009. *Anais. EnANPAD*, 2010.
- OCDE, Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *Manual de Oslo*. 3. ed. Tradução: do FINEP, 2005.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1990.
- METCALFE, J. S. Equilibrium and evolutionary foundations of competition and technology policy: new perspectives on the division of labour and the innovation process. *Revista Brasileira de Inovação*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 111-146, jan./jun. 2003.
- MILES, Raymond E.; SNOW, Charles C. Organizational strategy, structure and process. New York: McGraw-Hill, 1978.
- MYTELKA, Lynn; FARINELLI, Fúlvia. De aglomerados locais a sistemas de inovação. In: LASTRES, H.M.M; CASSIOLATO, J. E.; ARROIO, A. (Orgs.). *Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Contrapomto, 2005. p.347-378.
- OSBORNE, D.; GAEBLER, T. *Reinventing government: How the entrepreneurial spirit is transforming the public sector*. Reading, PA: Addison-Wesley. 1992.
- PACAGNAN, Mario Neri. Alianças estratégicas e redes colaborativas como alternativa competitiva para o pequeno varejista: um estudo comparado. *Revista de Gestão*, São Paulo, USP, v.13, n. especial, p.19-30, 2006.
- PAVITT, K. Innovation Process. In: FAGERBERG, J.; MOWERY, D.; NELSON, R. *The Oxford Handbook of Innovation*. (Orgs.). Oxford, 2005. Cap. 4.
- PIZZANI, Lucian; SILVA, Rosemary C.; HAYASHI, Maria C. P. I. *Bases de dados e PORTER, M. A Vantagem competitiva das nações: criando e sustentando um desempenho superior*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- PORTER, Michael E. *Competição = Oncompetition: estratégias competitivas essenciais*. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 515 p.
- PRAHALAD, C. K.; KRISHNAN, M.S. *A nova era da inovação: a inovação focada no relacionamento com o cliente*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- PUGA, Fernando Pimentel. *Alternativas de apoio a MPMEs localizadas em arranjos produtivos locais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2003. p. 3-30.
- RAMASWAMY, Venkat. Leading the Transformation to Co-Creation of Value. *Strategy&Leadership*, v.37, n.2, p.32-37, 2009.
- REIS, A. H. M. Pesquisa qualitativa em marketing. 151 f. Dissertação (Mestrado em Administração). – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 1994.
- REIS, Dálcio. R. *Gestão de inovação tecnológica*. Barueri: Manole, 2004.
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

- RUTHES, Sidarta. *Inteligência competitiva para o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Peirópolis, 2007. 71 p.
- SCHMITT, Claudia Lunkes; WEGNER, Douglas; LOPES, Herton Castiglioni; WITTMANN, Milton Luiz. *Concentrações de Empresas: estratégia para a competitividade e a eficiência coletiva*. Disponível em: <<http://www.unisc.br/universidade>>.
- SCHUMPETER, J. *Capitalism, socialism and democracy*. New York: Harper, 1942.
- SCHUMPETER, J. A. *History of Economic Analysis*. Edited from the Manuscript by Elizabeth Booddy Schumpeter. London: George Allen & Unwin Ltd, 1955.
- SENGENBERGER, Werner; PIKE, Frank. Distritos industriais e recuperação econômica local: questões de pesquisa e de política. In: COCCO, Giuseppe; URANI, André; GALVÃO, Alexander Patez. (Org.). *Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da terceira Itália*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 101–146.
- SHENHAR, A. J.; DVIR, D. Project Management Evolution: Past History And Future Research Directions. In: SLEVIN, D. P.; CLELAND, D. L.; PINTO, J. K. (Ed.). *Innovations: Project Management Research 2004*. Newton Square: Pmi, 2004. Chapter 4, p. 57-64.
- SUNDBO, J.; GALLOUJ, F. Innovation. In: *Services*. Si4s Synthesis Paper, Oslo, n. 2, p. 3-4, 1998.
- TEIXEIRA, Francisco; FERRARO, Carlo. *Aglomeraciones productivas locales en Brasil, formación de recursos humanos y resultados de la experiencia CEPAL-SEBRAE*. Serie Desarrollo Productivo. Unidad de Desarrollo Industrial y Tecnológico. Nações Unidas / CEPAL. Santiago de Chile, marzo de 2009. p. 1-47.
- TIDD, J.; BESANT, J.; PAVITT, K. *Managing innovation: integrating technology, market, and organizational change*. New York: John Wiley, 1997.
- TOMAÉL, M.I.; ALCARÁ, A.R.; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. *Ciência da Informação*. v. 34, n.2, p.93-104, maio/ago. 2005.
- TUSHMAN, M.; NADLER, D. Organizandose para a inovação. In: STARKEY, Ken. *Como as organizações aprendem: relatos do sucesso das grandes empresas*. São Paulo: Futura, 1997.
- VALE, Gláucia Maria Vasconcelos. *Territórios vitoriosos: o papel das redes organizacionais*. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2007. 208 p.
- VASCONCELOS, Flávio C.; CYRINO, Álvaro B. Vantagem Competitiva: os modelos teóricos atuais e a convergência entre estratégia e teoria organizacional. *RAE – Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 40, n. 4, p. 20-37, out./dez. 2000.
- VEIGA, José Eli da. Empreendedorismo e desenvolvimento no Brasil rural. *Unimontes Científica*, Montes Claros, v.7, n.2, p.14-45, jul./dez. 2005.
- VICENTI, T. Ambiente de inovação nas empresas de software de Blumenau Santa Catarina - Brasil. 2006. 183p. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB. Blumenau, 2006.
- WALKER, S. P. Accounting, paper shadows and the stigmatized poor. *Accounting, Organization and Society*, n. 33, p. 453-487, 2008.
- ZALTMAN, G.; DUNCAN, R. E HOLBEK, J. *Innovations and Organizations*. New York: Wiley, 1973.
- ZAWISLAK, Paulo. Gestão da inovação tecnológica e competitividade industrial: uma proposta para o caso brasileiro. *Anais... XIX Encontro Nacional dos Programas de Pós Graduação em Administração*, 1995.